



SIGNORINI, Roberto. **A arte do fotográfico**. Os limites da fotografia e a reflexão teórica nas décadas de 1980 e 1990. Tradução de Carlos Alberto Dastoli. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

Entre a reprodução técnica e objeto de arte: a fotografia como experiência estética

Between technical reproduction and art objects:
photography as an aesthetic experience

Rodrigo Fontanari *

Com a tradução de *A arte do fotográfico. Os limites da fotografia e a reflexão teórica nas décadas de 1980 e 1990* do fotógrafo, ensaísta e tradutor Roberto Signorini, a “Coleção Arte & Fotografia” da WMF Martins Fontes dirigida pelos professores da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Annateresa Fabris e Tadeu Chiarelli, concede aos leitores brasileiros a chance de acompanhar de perto todo um esforço intelectual de um incansável divulgador e intérprete, em terras italianas, das teorias mais modernas do “fotográfico”. “Fotográfico” entendido como a “lógica de funcionamento da imagem e sua relação com a realidade”, que faz alusão a um “vasto e unitário (embora multifacetado) âmbito de experiência que talvez os limites tradicionais entre fotografia e arte [...] parece constituir ele próprio um novo campo de atividade e de teoria”, esclarece, de saída, o próprio autor.

As perspectivas adotadas nessa obra alinham-se, assumidamente, à leitura de alguns dos mais notáveis pensadores e teóricos da fotografia cujos nomes, aliás, são bastante conhecidos dos brasileiros que, de alguma maneira, se interessam por pensar a imagem, como: Rosalind Krauss, Henri Van Lier, Philippe Dubois, Jean-Marie Schaeffer e Jean-Claude Lemagny. Essa escolha refere-se, certamente, ao esforço anterior do próprio autor em versar para o italiano alguns escritos desses nomes.

* Pós-doutorando no Departamento de Mídias da Universidade Estadual de Campinas. Doutor e mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Influenciado pela escola de semiólogos franceses, que primaram por tratar como discurso os fatos da cultura e das artes, tem se dedicado particularmente aos temas de Roland Barthes. Interessado principalmente pela crítica dos discursos publicitários e pela linguagem da fotografia. E-mail: rodrigo-fontanari@hotmail.com

Ora, a importância dessa tradução para os brasileiros está, por um lado, na capacidade de alinhar e aprofundar o pensamento desses vários autores sem, no entanto, deixar de se debruçar sobre um vasto conjunto de referências bibliográficas que passa por outros textos que, pela sua fulgurância teórica, são considerados referências para os estudos que tomam a fotografia com objeto teórico, a exemplo do ensaio “Pequena história da fotografia” do filósofo alemão Walter Benjamin como também do livro *A câmara clara* do semiólogo e crítico francês, Roland Barthes.

E, por outro, ao contar com uma estrutura bem trabalhada - quatro capítulos articulados e dois “intervalos” (*intermezzi*), em que o autor elabora apresentação de notas sobre alguns aspectos do pensamento filosófico contemporâneo aludidos, frequentemente, no decorrer dos capítulos - e com uma vasta bibliografia, este livro revela um quadro teórico complexo, no qual se entrelaçam tanto experiências artísticas e estéticas, quanto indagações filosóficas.

Todo um cenário teórico sobre a fotografia é dado a ver. O que permite aos leitores vislumbrar uma espécie de panorama analítico tanto do contexto cultural de referência (pós-estruturalista e pós-modernista), quanto das inesgotáveis implicações críticas, estéticas e filosóficas germinadas a partir desse contexto.

Trata-se, especificamente, de uma obra que, ao ressaltar a semiótica de Charles Sanders Peirce em detrimento das ideias estruturalistas fundada nas noções de linguística de Ferdinand Saussure, se entrega a lógica indiciária da imagem fotográfica. E, portanto, vê a foto como um traço luminoso emanado de um objeto real que chamuscou a chapa metálica. Em terminologia da semiótica de Peirce, um índice, um signo que indica uma outra coisa. Há uma conexão física com seu objeto, por isso mesmo, a fotografia não é tida como um sistema codificado de signos, mas autônoma em relação as intenções comunicativas e criadoras daquele que a produz.

De resto, se a fotografia se impôs, definitivamente, como fundamento da obra das *avant-gardes* históricas e das *neo-avant-*

gardes dos anos de 1960, parece que não faz mais sentido, no olhar do autor, de manter o embate sobre o estado de objeto de arte ou não do “fotográfico”, ele deve se deslocar para uma concepção estética, que, por sua vez, reivindique o direito de perceber a imagem fotográfica como objeto de uma experiência estética.